

Oitava edição do Encontro Nacional dos TOC reuniu cerca de 1 300 pessoas



O maior de todos os encontros

Mil e trezentas pessoas, provenientes de todo o país, deram corpo, a 4 de Setembro último, ao maior dos Encontros Nacionais de Técnicos Oficiais de Contas (EN-TOC). A oitava edição, entre os Jerónimos, o Tejo e as cercanias de Sintra, propôs um programa ambicioso e com condimentos diferentes.

Na exuberância do Mosteiro dos Jerónimos teve arranque o dia dos TOC. O local não deixa ninguém indiferente, mas a colocação do monumento no programa do VIII Encontro teve razões mais profundas e intimistas: missa em memória de todos os

TOC já falecidos.

Terminada a cerimónia religiosa, não havia tempo a perder. A algumas centenas de metros, na Estação Fluvial de Belém, procedia-se já ao embarque no navio «S. Jorge», para um passeio pelo Tejo. Cerca de mil pessoas, que acabaram por esgotar a lotação, tiveram oportunidade de ver Lisboa, e a margem oposta, sob outra perspectiva. O dia límpido, a temperatura amena e o cenário majestoso da cidade vista do rio que a percorre, apelaram ao uso das máquinas digitais e à atenção redobrada para uma paisagem multifacetada. Do Padrão dos Descobrimentos, à Torre de Be-

lém, do Centro Cultural à renovada Praça do Comércio, vários foram os locais emblemáticos da capital que suscitaram especial interesse e volumosos comentários.

Passear pelo Tejo não é algo que se faça todos os dias. Pelo menos para a esmagadora maioria das pessoas. Mas os imperativos do tempo não perdoaram. Encerrado o percurso pelas águas tranquilas, a extensa comitiva rumou até à Quinta dos Cedros, no Linhó, próximo da vila de Sintra. Numa sala gigantesca, com capacidade para acolher cerca de 1 300 pessoas, estava já tudo a postos para dar início ao repasto.



Entradas, sopa, prato de peixe e de carne, sobremesas, muita conversa, animação, muito SNC, finanças, impostos, lançamentos contabilísticos, mas também doses em catadupa de conversas paralelas, anedotas quanto basta, histórias divertidas, confis-

sões sérias, reencontros. De tudo isto viveu o Encontro dos TOC e por tudo isto a iniciativa tem vindo a ganhar raízes.

O programa deste ano, a título excepcional, contemplou ainda um momento diferente: a homenagem a Rogério Fernandes Fer-

reira, falecido a 12 de Julho (ver caixa) acabou por constituir um momento marcante para todos quantos puderam rever, em imagens, livros e palavras, uma ínfima parte da vida e obra de um dos grandes vultos da Contabilidade e Fiscalidade portuguesas.

Vencer o facilitismo

Não há Encontro que se preze que não dispense uns minutos a breves intervenções quer do responsável máximo da Ordem quer, por norma, de um representante da Comissão Organizadora. O VIII Encontro não escapou à regra. Domingues de Azevedo fez questão de saudar todos os convivas, assegurando que a sua presença permite «dar uma imagem de união, força e solidariedade dos Técnicos Oficiais de Contas perante a sociedade.»

Memórias do pai, do mestre e do amigo

O momento mais emotivo do encontro estava reservado para depois do almoço. A homenagem a Rogério Fernandes Ferreira, fiscalista, advogado e membro honorário da Ordem, falecido recentemente. Alves da Silva, Leonor Fernandes Ferreira e Domingues de Azevedo não pouparam elogios ao homenageado, fazendo luz das suas diversas facetas enquanto amigo, pai e mestre.

Alves da Silva foi o primeiro orador. Tinha um discurso preparado, mas preferiu o improvisado, ditado pelo esforço titânico que fez «para não se emocionar». Afinal, sempre foram 50 anos preenchidos por uma permanente cumplicidade profissional e pessoal. «Ele era um homem de honra e um profissional de ética, valores que nunca abandonaram o seu pensamento nos inúmeros

combates que manteve na Sociedade Portuguesa de Contabilidade», recordou, com saudade, Alves da Silva. Este TOC recordou «a abertura, o saber e a amabilidade» que sempre caracterizaram Rogério Fernandes Ferreira, no esclarecimento das dúvidas de todos os que o procuravam. «Os TOC devem-lhe muito, especialmente no domínio das reflexões sobre o código deontológico», acrescentou.

Em conclusão, com a emoção a apoderar-se com mais intensidade da sua voz, Alves da Silva deixou uma última mensagem: «Estou certo que ainda nos havemos de encontrar para debater o “justo valor” e o método da equivalência patrimonial. Até um dia». A oradora seguinte foi Leonor Fernandes Ferreira. É quem melhor do que uma das filhas

do homenageado para caracterizar aquele que muitos apelidam por «o mestre dos mestres»? A professora universitária deixou uma palavra de gratidão à Ordem pela iniciativa, extensível «a todos os que acompanharam o pai ao longo da vida». No discurso escrito que preparou, Leonor Fernandes Ferreira revelou aspectos pouco conhecidos do seu pai. Ler e escrever eram *hobbies* cultivados até à exaustão. De tal forma que sempre que ia em viagem, na mala do seu carro existia uma volumosa mala com livros. O seu carácter visionário foi igualmente destacado pela filha. «Já em 1971 alertava os TOC que deviam ser os “conselheiros de gestão” em vez de meros “guarda-livros”. Nunca abandonou os princípios do rigor, a rectidão de carácter e a fundamentação das suas análises, bem

Num curto discurso virado para o futuro, mas também para o interior da profissão, o bastonário fez questão de lembrar que não aprecia «a unanimidade de pensamento», uma vez que «é sinónimo de podridão e amorfismo.» Contudo, não será o facto de muitos pensarem de maneira diferente que «nos impedirá de sermos unidos.»

E a união, para os próximos tempos, será palavra-chave. Domingues de Azevedo é cauteloso e adverte os TOC que «não é por termos passado a Ordem que os nossos problemas estão resolvidos. Longe disso!» Para exemplificar que o caminho apresenta inesperadas dificuldades, lembrou a tentativa de aprovação na Assembleia da República do projecto de lei que pretendia isentar



as microentidades da dispensa de contabilidade. «Tudo quanto assente em critérios que não tenham por base o rigor, são contra a nossa profissão. A sociedade, como vemos, vende votos em troca de valores essenciais. Mas nós não podemos vender a nos-

sa dignidade.» A vasta plateia gostou e aplaudiu. Mas os avisos do bastonário não terminariam aqui. Domingues de Azevedo foi claro: «Precisamos de combater e vencer estas teses de facilitismo. É preciso que se diga que as maiores vítimas, ao contrário

expressos nos inúmeros debates que manteve sobre a polémica introdução do justo valor. O homem que buscava a paz, recusava a ignorância e detestava as guerras, manteve, segundo Leonor Fernandes Ferreira, uma «generosidade ilimitada até ao último dia de vida».

As derradeiras palavras pertenceram a Domingues de Azevedo, que começou por afirmar que, com este desaparecimento «todos ficámos mais pobres», mas ressaltou que resta o consolo de poder continuar a beber da fonte o seu saber e dedicação. «Desapareceu fisicamente, mas continua entre nós. O futuro não apagará uma pessoa da sua craveira. Falar dele é a melhor maneira de perpetuar a memória. Há valores que são eternos», acrescentou. O bastonário pediu um aplauso de pé, solicitação que foi prontamente atendida por mais de um milhar de pessoas presentes na sala. O encontro tinha

de continuar. Necessariamente com outro ritmo e outro registo. Para a eternidade ficam os ensinamentos do homenageado. Certamente que nas estantes dos que participaram no evento haverá lugar para «Últimos Estudos», a última obra de Rogério Fernandes Ferreira, editada

pela Ordem e oferecida aos presentes. Alguns dos livros publicados, a tese de doutoramento e o artigo de despedida publicado no semanário «Sol», a 16 de Julho, escrito poucas horas antes do falecimento, foram documentos disponibilizados para consulta.





do que se pode fazer crer, são as empresas e empresários. A desorganização é o maior inimigo das empresas.»

Porque os riscos são muitos, e lembrando que a qualidade é o «grande desafio da profissão», Domingues de Azevedo não tem dúvidas: «Mais do que nunca, precisamos de nos unir. Só assim é que poderemos combater este tipo de demagogia que aparece na sociedade e só assim poderemos defender o rigor e qualidade. Se apostarmos nestes valores, teremos futuro, caso contrário, o fim estará próximo.»

Antes, a Comissão Organizadora, composta por Amadeu Figueiredo, Elmano Fernandes, Jorge Moi-

ta e Luís Antunes, dera já as boas-vindas aos participantes. Amadeu Figueiredo, como presidente, salientou que este é o primeiro encontro realizado sob o signo da Ordem, reforçando também a ideia de ser uma aposta para se manter, uma vez que, «ano após ano, estes encontros têm vindo a ganhar raízes e a solidificar-se. São uma iniciativa mobilizadora, onde a boa disposição marca sempre presença, mas também uma oportunidade para solidificar o espírito de união, força e resistência da nossa classe.»

Espaço à música

Seguiu-se a homenagem a Rogério Fernandes Ferreira. Um

filme com imagens desconhecidas para quase todos, o discurso da sua filha mais velha, Leonor Fernandes Ferreira, em nome de toda a família, muita emoção e uma enorme salva de palmas, para além do livro «Últimos Estudos», ajudaram a lembrar a vida e obra do «Mestre».

Com a tarde a meio, os estômagos e as gargantas reconfortadas, o VIII Encontro enveredou depois pela música. O pontapé de saída foi dado pelo Rancho Folclórico Montes da Senhora, de Proença-a-Nova, que ao longo de quase uma hora trouxe danças e cantares típicos da região. Seguiu-se uma presença conhecida já de muitos profissionais: Celso Coelho. Numa actuação onde manteve um diálogo constante com o público, o TOC-cantor apostou sobretudo em músicas de cariz romântico e que arrancaram, apesar do espaço exíguo, alguns casais para uns passos de dança, tendo oferecido alguns dos seus CD aos mais afoitos.

A tarde prosseguia a bom ritmo. Alguns foram abandonando a Quinta, até porque, em muitos casos, havia ainda algumas centenas de quilómetros para vencer mas, no palco, o desfile de variedades prosseguia. Ao acordeão, seguiu-se José Rodrigues, para uma actuação curta e que abriria caminho a um *expert* da matéria: Abílio Alves. Um timbre de voz animado, uma mestria assinalável no manejo dos instrumentos e um ritmo acelerado ajudaram a que a parte final do VIII Encontro, já com a noite a espreitar, terminasse em beleza.☘



Reportagem disponível em:
www.youtube.com/user/OrdemTOC